

MINI CARTILHA ANTIRRACISMO INDIGENA



Entre a maioria dos povos e culturas deste planeta, prevalece o respeito e a honra por seus ancestrais.

Como a existência e a evolução de várias gerações só foram possíveis devido aos esforços de seus antecedentes, olhar o passado, de maneira respeitosa, pode nos ajudar a entender o presente e, também, fazer apontamentos para o futuro.

Entretanto esse exercício ganha outros contornos no Brasil, país que teve, em sua formação histórica, vários povos, de diferentes lugares do mundo.

Em muitos momentos da narrativa brasileira, foram escolhidos quais ancestrais seriam honrados e exaltados (em sua maioria, europeus) e quais seriam esquecidos ou apagados pelo racismo estrutural (indígenas, negros e etc.).

Partindo desse pressuposto, a missão desta cartilha é honrar e respeitar toda a construção do povo indígena por meio da língua, uma das manifestações da linguagem que fornece ao ser humano a capacidade de se expressar e se comunicar com o mundo. Em especial, o foco deste trabalho está nas expressões racistas e/ou pejorativas ouvidas, constantemente, pelos indígenas.





A escuta ativa não só propiciou esta obra, como também criou um ambiente seguro para a validação do desconforto ou de qualquer outro sentimento negativo que pudesse ser desencadeado pelas frases, aqui, inseridas.

Por isso, em cada uma das páginas que você lerá, irá deparar-se com duas notas de rodapé: uma voltada para o leitor indígena e outra para o não indígena.

Enquanto a primeira nota tem a função de alertar e dar poder a quem sofre a ofensa, a segunda tem o objetivo de educar e instruir para que situações como essas não ocorram mais.

Afinal, o diálogo é uma forma potente de combate ao racismo, à intolerância e ao preconceito. Começar pelo modo como nos expressamos.

Por fim, ressaltamos nossos maiores desejos: que esta obra possa, de fato, gerar debates, conversas e mudanças entre seus leitores, e que possamos dar a merecida honra aos primeiros a pisar neste país, já que, por direito, a terra é deles, e o mínimo que devemos fazer é respeitá-los, a começar pelo modo como nos expressamos.



Sobre o Projeto01

Expressões racistas que
devem sair do seu vocabulário.....04

Agradecimentos e

Referências bibliográficas.....18



Expressões ou frases racistas que devem sair do seu vocabulário

CHAMAR O INDÍGENA DE “CABOCO” (CABOCLO)

Em Roraima, o termo “caboclo” (deformado para “caboco”) refere-se àqueles índios considerados “civilizados”. Em outras palavras, “caboclo” é uma expressão que diminui a atuação social do indígena, bem como coloca-o numa posição inferior, simplesmente, por manter os seus laços culturais, seja por suas vestimentas, fala, crença ou, mesmo, comportamentos. Isso tem nome: é racismo. Aqui, vale reforçar a definição da palavra “racismo”. Por analogia, de acordo com o dicionário Oxford Languages, é a “atitude de hostilidade em relação a determinada categoria de pessoas”. Portanto o uso da palavra “caboclo” é uma atitude racista, referindo-se ao povo indígena com menosprezo e hostilidade.

PARA VOCÊ QUE É INDÍGENA:

Não é só uma palavra ou uma brincadeira. Toda a construção do seu povo, seus valores e culturas fazem parte de quem você é. Por isso é seu direito manifestar incômodo e exigir que tal expressão não seja usada para se referir a você ou aos seus semelhantes.



PARA VOCÊ QUE NÃO É INDÍGENA:

Talvez você não soubesse que a palavra "caboclo" tem sentido pejorativo. Porém, uma vez em contato com essa obra, além de saber, você também recebe a missão de coibir seu uso.

Converse com seus amigos, familiares e pessoas íntimas sobre o significado da expressão e por que ela deve ser retirada do vocabulário diário.

Atitudes assim ajudam a desenhar uma sociedade menos racista e mais inclusiva.

**DESVALORIZAR O
INDÍGENA, DIZENDO
QUE ELE NÃO É CAPAZ DE
TER AQUILO QUE UMA
PESSOA BRANCA
POSSUI: SOBRE CORTES/
CORES DE CABELOS,
BENS MATERIAIS,**

Aposto que você não gostaria de ouvir que é uma pessoa ruim, porque não tem um corte de cabelo X, ou mesmo por não ter um tênis da marca Y.

Com relação à pessoa indígena, não é diferente.

O ato de ofender ou desvalorizar um grupo de pessoas, julgando do que ele é ou não capaz, também uma forma de racismo.

Aqui, inclusive, cabe mais uma reflexão: sempre ficamos estarecidos ou enojados quando vemos ou ouvimos ofensas racistas a judeus, por exemplo. Nosso senso crítico, logo, nos diz: "Não é possível que ainda existam pessoas que pratiquem esse tipo de ato".

Então por que não sentimos o mesmo quando vemos um indígena sendo desvalorizado ou passando por alguma situação humilhante?

Pense nisso!

Para você que é indígena:

Se alguma vez você foi insultado, seja pela sua capacidade ou por sua apresentação pessoal, saiba que não é algo "normal".

Como no primeiro tópico, você possui todo o direito de se queixar e exigir o devido respeito do interlocutor que o ofendeu.

Incômodo e exigir que tal expressão não seja usada para se referir a você ou aos seus semelhantes.

Para você que não é indígena:

Aqui, cabe o uso da sabedoria popular, que diz: "coloque-se no lugar da outra pessoa".

Se você não gosta de se sentir insultado(a) ou ofendido(a), certamente, não deve se dirigir ao outro dessa forma.

Pense que esse ato não é muito diferente do que judeus, negros, mulheres e pessoas com deficiência (entre outros grupos) sofreram nas mãos de pessoas preconceituosas.



**Dizer que o indígena
não poderia estar
morando na cidade e
deveria estar morando
no mato;**



O Artigo 5 da Constituição Federal diz o seguinte: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade...", logo o indígena possui o direito (assegurado por lei) de residir ONDE QUISER, em todo o território brasileiro.

Se quisermos ir um pouco além e olharmos para um contexto histórico, o que chamamos de Brasil foi habitado, inicialmente, pelos ancestrais desses mesmos indígenas que convivem conosco. Mais que o respeito que devemos ter por esses ancestrais, vale o entendimento de que, como você, os indígenas passaram por transformações sociais e geográficas, o que lhes permite o desejo de, também, querer morar na zona urbana.

Para você que é indígena:

Assim como muitas outras pessoas, de inúmeras ancestralidades, você é brasileiro(a) e tem o direito irrestrito de morar onde desejar.



Para você que não é indígena:

O Brasil é conhecido, no mundo inteiro, como um país que se esforça para receber, com afeto, estrangeiros de várias localidades do mundo e que fazem, do nosso país, a sua residência. Todo esse afeto pode e deve, então, ser demonstrado com quem nasceu e mora aqui.



***Que o indígena não
poderia usar dinheiro,
já que ele deveria
sobreviver da caça,
da pesca e de
frutos da natureza;***

Se fossemos seguir a lógica desse pensamento, certamente, estaríamos todos sobrevivendo desse mesmo modo.

Afinal, historicamente, todos os povos do mundo, independentemente da sua nacionalidade, descendem de ancestrais que viveram de forma rudimentar.

O povo indígena, assim como você, acompanhou as mudanças históricas, inclusive as econômicas.

Por isso nada mais natural do que adquirir bens materiais e serviços usando o papel moeda (dinheiro), pix, crédito ou qualquer outra forma de pagamento.



Para você que é indígena:

Para você que é indígena: O seu dinheiro ou o da sua família possui o mesmo valor que o dinheiro de qualquer outro brasileiro. Dito isso, você não só pode, como deve comprar os bens materiais e serviços que deseja, usando como pagamento o **SEU DINHEIRO!**

Para você que não é indígena:

Para você que não é indígena: Todas as tecnologias visam evoluir e conectar a sociedade: as redes sociais que você usa, o seu smartphone, a internet e várias outras. No entanto, a parte mais importante de se evoluir tecnologicamente é o respeito social e cultural. Em um mundo tão moderno, já passou da hora de tirarmos algo tão antigo, como o preconceito, da nossa pauta, não é?



“O INDÍGENA NÃO TEM HABILIDADES PARA OCUPAR CARGOS COMO: PROFESSOR, ADVOGADO, MÉDICO, MOTORISTA, EMPRESÁRIO, ENTRE OUTROS.”

Já imaginou alguém chegar até você, agora, e dizer que o seu sonho de seguir uma profissão não é possível porque você não tem habilidade? Ou que essa falta de habilidade é por conta da cor da sua pele?

Certamente, você se sentiria mal. O mesmo acontece com o indígena. A competência ou habilidade para desenvolver alguma tarefa não deve ser medida pela cor da pele, nacionalidade ou características físicas.

A pessoa indígena é completamente capaz de administrar uma empresa, gerir um projeto, fazer uma descoberta científica, escrever um livro ou exercer qualquer outra função por ela escolhida.

Para você que é indígena:

Você pode ser o que quiser: astronauta, empresário(a), professor(a), médico(a) e tudo aquilo que desejar.

Tenha isso em mente e vá atrás dos seus sonhos.



Para você que não é indígena:

Já aprendemos que é errado julgar a pessoa indígena como menos capaz. Que tal, agora, incentivá-la a continuar buscando os seus sonhos?





QUE OS INDÍGENAS SÃO SUJOS DEVIDO A SUAS PINTURAS CORPORAIS;

Cada povo, em cada canto do planeta, tem a sua maneira de expressar as suas crenças, culturas e ideias. Nenhuma delas pode ser considerada pior ou melhor que outras.

Por meio das pinturas corporais, os indígenas expressam e mantêm viva a sua ancestralidade cultural. Ou seja, a pintura corporal não é sujeira, é tradição.



Para você que é indígena:

Viver as suas crenças é celebrar quem você é. Não se deve ter vergonha e nem aceitar o jugo do outro sobre isso.

Para você que não é indígena:

Já imaginou o quanto você pode aprender conhecendo mais sobre a história do outro?
Qual o significado de cada pintura?
Por que elas são feitas?
O que elas representam?

Entender como o outro se expressa nos torna pessoas mais afetuosas e menos preconceituosas.

***Que o indígena é "burro",
ignorante e causa
desconforto para a
sociedade, impedindo
seu desenvolvimento.
Ou muito pior que
isso: que o povo
indígena não
deveria existir.***

Em cada página desta cartilha, falamos sobre a importância de não sermos preconceituosos com outros povos e culturas. Neste tópico, reforçamos o mesmo ponto.

Chamar uma pessoa indígena de burra ou dizer que a existência dela impede o desenvolvimento de uma sociedade é uma atitude preconceituosa.

O povo indígena participou e participa, ativamente, da evolução social, por meio da sua cultura, ideias ou tecnologias.

Você sabia que tudo que aprendemos na agricultura e conhecemos de espécies de plantas veio dos indígenas? Ou que os remédios que tomamos são resultados de fórmulas descobertas pelos indígenas?





Para você que é indígena:

Foi por meio de toda sabedoria e inteligência do seu povo que chegamos até aqui.

Por isso fica o nosso agradecimento e o nosso reconhecimento.

Vocês foram e continuam sendo essenciais para o desenvolvimento do nosso país.

Para você que não é indígena:

Que tal pesquisar as contribuições sociais, educacionais, científicas e culturais dos indígenas?

Temos certeza de que você fará descobertas interessantes que ajudarão a combater o preconceito contra esse povo.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos a Propesq, Reitora Nilra Jane, as direções gerais dos campi Amajari (Pierlangela Cunha) e CBVZO (Isaac Sutil), os bolsistas PIBICT e PIBAD pelo apoio e os estudantes indígenas e não indígenas que participaram da pesquisa e das oficinas.

Dedicatória

Dedico esta obra a todos os jovens indígenas de Roraima, porque o futuro é indígena.

Marcos Antonio de Oliveira

Coordenador do projeto "Racismo e suas implicações nos povos indígenas de Roraima e as percepções de estudantes do IFRR nos campus Amajari e Boa Vista Zona Oeste"

Referências Bibliográficas

(Rivière; 1972: 29). (http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3125/1/Artigo_ConstrucaoHistoricaTermo.pdf)

<https://apublica.org/2018/09/brasileiros-e-venezuelanos-uma-cronica-de-odio-e-compaixao/>

Anotações



Anotações



Anotações



Anotações





INSTITUTO FEDERAL

Roraima

Este projeto é financiado pela Pró-reitoria de Pesquisa do IFRR (Propesq), por meio do Programa de Incentivo à Pesquisa Aplicada – Docente (PIPAD). A produção desta cartilha é fruto do programa “Racismo e suas implicações nos povos indígenas de Roraima e as percepções de estudantes do IFRR nos campus Amajari e Boa Vista Zona Oeste.”

Copyright © 2022

Todos os direitos reservados às autoras e autores, na forma da lei.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610/98) e é crime estabelecido pelo artigo

184 do Código Penal.

Projeto gráfico e diagramação

o Torito

Texto
William Ferreira Marinho

Revisão
Marielen Mauro